

APRESENTAÇÃO*

A democracia está perdendo os seus adeptos.
No nosso país tudo está enfraquecendo.
O dinheiro é fraco.
A democracia é fraca e os políticos fraquíssimos.
E tudo que está fraco, morre um dia

(Carolina MARIA DE JESUS. **O quarto de despejo** – diário de uma favelada.
10ª ed. São Paulo: Editora Ática, 2014)

A pandemia da COVID-19 (do inglês Coronavirus Disease 2019) é uma doença infecciosa causada pelo coronavírus da síndrome respiratória aguda grave 2 (SARS-CoV-2) e que vem repercutindo ações científicas nas áreas biomédica e epidemiológica, mas também nas áreas das ciências humanas e sociais aplicadas, e, em especial, no Serviço Social. Essa área de conhecimento e do exercício profissional tem um lastro intelectual ao analisar as determinações e impactos sociais, econômicos, políticos, culturais e históricos dos sujeitos e suas relações sociais na história recente, mas, em particular, no campo das políticas de saúde mental e drogas no Brasil.

Assim, a presente coletânea **Saúde Mental e Drogas em tempos de pandemia: contribuições do Serviço Social** reúne reflexões e análises críticas de assistentes sociais, pesquisadoras/es e docentes, de norte a sul do Brasil, como da Argentina e Uruguai, a partir das dimensões teórico-metodológica, ético-política e técnica-operativa do Serviço Social no campo da saúde mental e drogas no atual cenário brasileiro e latino americano frente a pandemia.

A obra está dividida em quatro partes que se articulam por seus nexos conceituais, teóricos e ético-político. A primeira parte, intitulado, **Novos cenários das Políticas de Saúde Mental e Drogas no Brasil e América Latina**, reúne os capítulos que tomam a realidade social e sua dinâmica, tendo como pano de fundo as políticas de saúde mental e drogas no Brasil e na América Latina.

O primeiro capítulo, *Isolados e aglomerados desde sempre: sobre a necessidade de avançar a luta pelo fim dos manicômios*, de

*DOI- 10.29388/978-65-86678-44-4-0-f.23-32

Andréa Valente Heidrich, analisa o isolamento a que as pessoas com transtornos mentais foram submetidas no decorrer da história do tratamento à loucura. Segundo a autora, isolar para tratar foi -e ainda é- um dos principais dispositivos da psiquiatria nos hospitais psiquiátricos e comunidades terapêuticas. Em tempos de medidas de enfrentamento à pandemia da COVID-19, estas instituições permanecem aglomerando seus internos e, não por acaso, têm sido foco de adoecimento coletivo, evidenciando a necessidade de serem extintas.

No segundo capítulo, *Neoliberalismo e a ascensão do fundamentalismo religioso na América Latina: o caso das comunidades terapêuticas*, as autoras, Rita de Cássia Cavalcante Lima e Tathiana Meyre da Silva Gomes, apresentam alguns elementos que lancem luz no debate sobre o aprofundamento do projeto neoliberal, que capitaneia uma ofensiva contra a liberdade e o social num processo de regressão de direitos e se desnuda em tempos de pandemia. Tratam na análise da atualização da secularização hemisférica latino-americana com o crescimento das tendências neopentecostais, indicando as comunidades terapêuticas religiosas como expressão do fortalecimento do tradicionalismo moral e da ruína dos sistemas universais de saúde, desafios para as lutas sociais na experiência recente brasileira e na Colômbia.

Com o título, *Presente y futuro de las políticas de salud mental en el Uruguay del siglo XXI: nuevos desafíos ante el COVID-19 y el cambio de modelo de desarrollo social*, o terceiro capítulo, de Beatriz Fernández Castrillo, da Universidad de la Republica-Uruguay, analisa, a partir de uma pesquisa qualitativa, a perspectiva de políticos, gestores, acadêmicos e, principalmente, de técnicos e usuários sobre as políticas de Saúde Mental no Uruguai. Para a autora, alguns resultados indicam avanços e retrocessos. Outros estimulam o estudo dos possíveis componentes que podem estar afetando a qualidade dos serviços: acessibilidade, integralidade e interdisciplinaridade. A possibilidade de aprofundamento desse processo é analisada no contexto da pandemia e da mudança no modelo de desenvolvimento social que o país decidiu dar. Conclui-se que a aliança entre clínicos e pesquisadores sociais com participação social em Saúde Mental, permitiria o desenvolvimento de perspectivas vinculadas ao pluralismo metodológico evitando velhas discussões em convicções radicais que di-

ficultam o diálogo a partir dos diferentes posicionamentos teóricos e ético-políticos.

As comunidades terapêuticas brasileiras e a pandemia do novo coronavírus, de Tathiana Meyre da Silva Gomes, Rachel Gouveia Passos, Jessica Souza de Farias e Giulia de Castro Lopes de Araujo, é o quarto capítulo. As autoras no contexto da pandemia no novo coronavírus, que impôs uma nova forma de sociabilidade à população brasileira, aprofundando ainda mais as desigualdades sociais existentes no país, tratam das medidas de isolamento que objetivam conter o contágio do vírus. Assim, observando os serviços considerados essenciais que não tiveram suas atividades interrompidas, buscam refletir acerca do isolamento social enfrentado pelo país, somado ao reclusão social dentro das comunidades terapêuticas e a quem essa problemática atinge.

No quinto capítulo, *Reflexiones ético-políticas para el abordaje de uso prejudicial de drogas: hacia la ampliación de vida y la ampliación de los derechos humanos*, de Juan Pablo Burwiel. O autor, a partir dos fundamentos ético-políticos do serviço social, do trabalho profissional na saúde e a partir da revisão da literatura no campo da saúde coletiva, analisa as experiências das lutas pelos direitos humanos na Argentina, refletindo as práticas de saúde que enfocam a ampliação de direitos e a produção de dignidade dos usuários de drogas. Tendo em vista as práticas de encarceramento, criminalização, pauperização e todos os tipos de violências que esses usuários são submetidos em suas vidas cotidianas atravessam o trabalho em saúde.

O sexto capítulo *A COVID-19 reafirmando a invisibilidade dos usuários de álcool, crack e outras drogas no território*, que finaliza essa primeira parte da obra, de Juliana Desiderio Lobo Prudencio. A autora afirma que a atenção aos usuários de álcool e outras drogas é construída sobre a tensão entre repressão e estratégia de redução de danos que marcam ações interventivas. Assim, a partir da revisão de literatura e do levantamento documental revela, no contexto da pandemia, que o cuidado no território se torna insuficiente diante da convocação ao isolamento social, remontando a ações manicomiais através do recurso às comunidades terapêuticas, mostrando a imposição de novos serviços assistenciais como os Centros de Referência em Dependência Química, revelando, assim, a baixa reflexão sobre o

cuidado aos usuários de drogas.

A segunda parte, **A Interseccionalidade de Gênero, Raça e Classe na Saúde Mental e Drogas**, trata de capítulos que analisam os sujeitos sociais e seus marcadores sociais de diferença no universo das desigualdades sociais presente no campo da saúde mental e drogas.

Desta forma, o sétimo capítulo, intitulado, *Racismo estrutural e o paradigma antinegro: a guerra às drogas como novos grilhões dos negros brasileiros*, de Ana Paula Procópio da Silva e Joílson Santana Marques Júnior, aborda os fundamentos da guerra às drogas no Brasil substanciados pelo racismo estrutural e pelo paradigma antinegro, apresentando-os como elementos que constituem os negros como os sujeitos criminalizáveis por excelência na sociedade brasileira.

No oitavo capítulo, *Guerra às drogas em contexto de pandemia: repercussões na saúde mental das mulheres negras*, Daniela Ferrugem e Beatriz Gershenson enfatizam que os territórios periféricos são destinatários do poder belicista do Estado, realidade que tem se agravado durante a pandemia. A morte sistemática, a dor e o sofrimento repercutem de modo particularmente deletério na vida das mulheres negras que, não sem resistência, reinventam seu cotidiano, mobilizando forças sociais em lutas por justiça e condições de vida. É nesse sentido que as autoras discutem as repercussões desse contexto na saúde mental das mulheres negras.

Com o título, *Sobrecargas, violências e saúde mental das brasileiras em tempos de pandemia: perspectiva feminista interseccional*, temos o nono capítulo, de Sabrina Pereira Paiva. Para a autora, no contexto marcado pelo isolamento social, em função da pandemia da COVID-19, tem-se o aumento da convivência familiar, maior sobrecarga no trabalho doméstico e exposição das mulheres à violência doméstica. Nesse sentido, o capítulo foca sobre os efeitos sobre a saúde mental das mulheres brasileiras, a partir de uma abordagem feminista interseccional. Apresentando, ainda, as respostas políticas dadas nesse momento, a partir da análise bibliográfica de artigos científicos, de publicações ministeriais, de organizações sociais dedicadas ao tema, além de matérias de jornais e revistas.

O décimo capítulo dessa obra é *Nuances do juvenicídio: trabalho no tráfico de drogas justificando prisões e mortes de pretos e po-*

bres, de Andréa Pires Rocha. Para a autora, as drogas proibidas são mercadorias, dependem de processos de trabalho para sua produção, circulação e distribuição, que empregam jovens pretos e pobres nas frentes mais arriscadas do lucrativo negócio. Assim, são jovens submetidos a dúbia contradição pois, por um lado tem força de trabalho explorada, por outro, são criminalizados no bojo da guerra às drogas e, ambos os lados, os colocam em riscos constantes, no limiar entre vida-morte. É no terreno dessas contradições que a autora situa o debate do juvenicídio brasileiro, subsidiado pelo racismo estrutural e perpetuado por uma sociedade excludente, neoliberal, de cunho penal.

A terceira e quarta partes da coletânea enfocam especificamente o Serviço Social. A terceira, **Novas Perspectivas Críticas em Serviço Social, Saúde Mental e Drogas**, expressa diferentes análises e objetos a partir dos debates teórico-conceituais produzidos por seus autores.

Assim, o capítulo onze da obra, *Pandemia, saúde mental e drogas: as vidas precárias como questão no Serviço Social*, de Marco José de Oliveira Duarte, Carolina Morais Simões de Melo, Marcela Mendes Sales e Thays Ribeiro da Silva, parte do contexto da pandemia da COVID-19, para problematizar, no âmbito do Serviço Social, enquanto área de conhecimento que está implicada historicamente com o campo da saúde mental e drogas, essa realidade social. Assim, tomando o pensamento social crítico contemporâneo, a partir dos conceitos de necropolítica, biopoder, vidas precárias e território, o autor e as autoras contribuem para analisar as determinações sócio-históricas desse processo pandêmico em curso no Brasil, que afeta, diretamente, os sujeitos da classe trabalhadora em sua interseccionalidade e em seus modos de existência e resistência frente ao avanço do conservadorismo pelo Estado brasileiro no contexto do capitalismo atual e da desdemocratização neoliberal.

O décimo segundo capítulo, *Pandemídia: o desafio de enfrentar a virulência contra o des(re)monte dos serviços públicos*, de Lucia Cristina Dos Santos Rosa e Tháís de Andrade Alves Guimarães, realiza um balanço, a partir da leitura do Serviço Social, das ações da Rede de Atenção Psicossocial do Sistema Único de Saúde (SUS) e da Proteção Social Especial do Sistema Único de Assistência Social (SUAS) na

gestão municipal teresinense e sua intersecção com a sociedade civil no enfrentamento da COVID-19. As autoras examinam as matérias disponíveis na mídia virtual e televisiva, no período de março a julho de 2020, que permitiu analisarem as características das mesclas de modelos, o mix público-privado, na forma de mitigar a pandemia, expondo a importância do SUS e SUAS, apesar das tendências beneméritas da sociedade civil.

Em *Nova lei de drogas, pandemia e Serviço Social: desafios ético-políticos em contexto ultraneoliberal e autoritário*, Cynthia Stuard Albuquerque e Estenio Ericson Botelho de Azevedo constituem o décimo terceiro capítulo que tem como objetivo apreender o contexto das políticas sobre drogas na pandemia da COVID-19 e os desafios colocados à profissão de Serviço Social. Buscaram, inicialmente, refletir sobre a relação crise capitalista, mercado de drogas e política de guerra às drogas, em uma ambiência pós-democrática sob determinação ultraneoliberal, neoconservadora e autoritária. Tais processos assumem contornos particulares na realidade brasileira face aos marcadores sociais, raciais e de gênero decorrentes do nosso passado colonial e de uma estrutura produtora de desigualdades e opressões: o sistema capitalista-racista-patriarcal. Desse modo, analisaram as mudanças recentes na nova Lei de Drogas, em aliança com outros dispositivos de controle social punitivo como a Lei Anticrime e a Lei de Segurança Nacional e suas repercussões para o Serviço Social brasileiro. A autora e o autor apreenderam, assim, os desafios ético-político nas respostas da profissão à "questão das drogas", considerando os tensionamentos neoconservadores (internos e externos) ao projeto profissional em tempos de pandemia.

No décimo quarto capítulo, *A luta antimanicomial em tempos de pandemia: a permanente pauta para o Serviço Social brasileiro*, Fabiola Xavier Leal, Maria Lúcia Teixeira Garcia e Mirian Cátia Vieira Basílio Denadai partem do pressuposto de que a pandemia da COVID-19 tem sido apresentada como mais do que uma emergência em saúde. Para seu enfrentamento, está posta a necessidade de articulação de um conjunto de políticas sociais, diferentes abordagens e do controle social pela sociedade civil organizada. Nesse contexto, visando abordar o tema da saúde mental e das substâncias psicoativas, as autoras descrevem a atuação dos movimentos da luta antimanicomial

em âmbito nacional e no estado do Espírito Santo nesse contexto, a fim de identificar as ações empreendidas para o enfrentamento das demandas na área.

Para finalizar essa parte da obra, o décimo quinto capítulo, intitulado, *Proibicionismo e necropolítica: os desafios do Serviço Social em tempos de pandemia*, de Warllon de Souza Barcellos, tem por objetivo demonstrar como o avanço do proibicionismo no mundo e no Brasil, apresenta uma relação com o conceito de necropolítica. O autor demonstra que historicamente foram criadas diversas iniciativas, seguindo orientações internacionais para propor políticas sobre drogas com caráter repressor, visando o superencarceramento, nas franjas mais pauperizadas da classe trabalhadora. Assim, o capítulo traz reflexões teóricas sobre os desafios da atuação do Serviço Social em tempos de pandemia

Por fim, a quarta e última parte da obra, **Questões ao Trabalho Profissional do Serviço Social na Saúde Mental, Drogas e Atenção Psicossocial**, que reúne investigações a partir das experiências profissional e acadêmica nos dispositivos assistenciais do Sistema Único de Saúde (SUS) e Sistema Único da Assistência Social (SUAS).

Para abrir, o capítulo dezesseis, *O trabalho do assistente social nos serviços de saúde em tempos de pandemia: velhos e novos problemas*, de Maria Lúcia Teixeira Garcia, Fabíola Xavier Leal e Edineia Figueira dos Anjos Oliveira analisa os principais desafios enfrentados por assistentes sociais da área da saúde de um município do estado do Espírito Santo. Os dados foram coletados a partir de um trabalho desenvolvido que envolveu aplicação de questionário e rodas de conversa.

Com o título, *O impacto da pandemia no trabalho dos assistentes sociais na atenção psicossocial e proteção social*, tem-se o segundo décimo sétimo capítulo, de Míriam Thais Guterres Dias, Vanessa Maria Panozzo Brandão, Aline Mattos Fuzinatto e Bruno Camilo Marchi Pereira, que toma a pandemia da COVID-19 que altera profundamente a sociedade, afetando as condições de vida da população e, logo, impacta o trabalho dos assistentes sociais na atenção psicossocial e proteção social, incidindo sobre os modos de uso de drogas pela população. Assim, as autoras e o autor, refletem criticamente sobre as requisições postas aos assistentes sociais no cotidiano da

atenção psicossocial e da proteção social, a partir de revisão de literatura e de discussão das situações vividas nesses serviços durante a pandemia, na direção do projeto ético-político profissional.

O décimo oitavo capítulo, *O trabalho do/a assistente social na saúde mental infantojuvenil em tempos de pandemia da COVID-19*, de Sofia Laurentino Barbosa Pereira e Izabel Herika Mathias Cronemberguer, tem por objetivo discutir sobre o trabalho do/a assistente social na saúde mental infantojuvenil em tempos de pandemia da COVID-19. Trata-se de trabalho elaborado com base no referencial teórico da área, documentos normativos e orientativos do Serviço Social e no âmbito da gestão local que tratam da organização institucional e do processo de trabalho no contexto do novo coronavírus, aliado a reflexões de vivências que tomam por base as experiências profissionais no Centro de Atenção Psicossocial infantojuvenil (CAPSi) Dr. Alexandre Nogueira, localizado em Teresina, Piauí.

Para finalizar essa parte e a obra, *Saúde mental e o trabalho intersetorial: estratégias e desafios para a atenção psicossocial em tempos de isolamento social*, é o último capítulo, o décimo nono, de Anália da Silva Barbosa e Magda Costa Barreto. As autoras apresentam e discutem as estratégias e os desafios colocados para desenvolvimento do trabalho no campo da Atenção Psicossocial durante o período de isolamento social ao longo da pandemia da COVID-19. A partir da identificação do aumento da complexidade das expressões da questão social já vivenciadas nas trajetórias dos usuários, familiares e profissionais dos Centros de Atenção Psicossocial, as autoras corroboram para a necessidade de fortalecer as articulações junto à rede intersetorial das distintas políticas sociais, assim como, potencializar as redes construídas pelos sujeitos envolvidos no processo de cuidado.

Essa iniciativa é pioneira na área de Serviço Social, por engendrar em uma coletânea que trate do campo das políticas públicas de saúde mental e drogas no contexto da pandemia do coronavírus. Contudo, ressalta que essa é a terceira coletânea da rede nacional de pesquisadoras/es de Serviço Social, Saúde Mental e Drogas, que vem se constituindo enquanto tal desde 2010. Essa obra, como a primeira – publicada pela Editora Papel Social-, traz assistentes sociais internacionais, da América Latina, como Argentina e Uruguai, o que reforça a

necessidade de ampliar a nossa rede para além do cenário brasileiro, mas no contexto do capitalismo atual.

Primavera, Rio de Janeiro, setembro de 2020.

As/o organizadoras/o

Tathiana, Rachel e Marco